

4 MAI 1991

ESTADO DE SÃO PAULO

# Brasil conduz mal a economia, diz Camdessus

**Diretor do FMI acha que o País resolveria o problema da dívida com três anos de boa gestão**

**REALI JÚNIOR**  
Correspondente

O diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, Michel Camdessus, disse que "se o Brasil fosse bem administrado durante três anos ninguém mais ouviria falar de sua dívida externa". Essa declaração, publicada ontem no jornal francês **Le Figaro**, contraria a opinião do presidente dos Estados Unidos, George Bush, para quem "o Brasil vai continuar ainda durante muito tempo sendo o país do futuro". Para Michel Camdessus, só existem duas políticas econômicas: "A que funciona e a que não funciona." Segundo ele, as políticas econômicas que têm tido êxito passaram, obrigatoriamente, pelo processo das privatizações. "Até agora, entretanto, a do Brasil parece se situar na segunda categoria."

Michel Camdessus começa a preparar sua recondução ao posto de diretor-gerente do FMI, o que deverá se concretizar no mês de dezembro. Hoje, nada poderá impedi-lo de conquistar esse segundo mandato, durante o qual poderá atingir algumas de suas metas, entre elas a redução do peso da dívida do Terceiro Mundo e o aumento das cotas e recursos do Fundo. Isso ele ainda não pôde obter neste primeiro mandato.

Agora, tudo indica que será mais fácil, pois Camdessus não terá como concorrente o ex-ministro de Finanças da Holanda Onno Ruiding, que contava com certo apoio dos Estados Unidos. Washington desconfiava desse francês com reputação de defensor dos países em via de desenvolvimento, que chegava aos Estados Unidos falando pouco inglês, apesar de ter sido governador do Banco da França e do próprio Clube de Paris. Hoje, Michel Camdessus, amigo pessoal do primeiro-ministro francês Michel Rocard, conta com o apoio integral da França e dos Estados Unidos para pleitear novo mandato à frente do Fundo Monetário Internacional.

Suas passagens pelo Tesouro francês, Banco da França e Clube de Paris fazem de Camdessus profundo conhecedor da dívida externa brasileira, razão pela qual, quando afirma que o problema maior do País é a ausência de boa administração, deve saber do que está falando. Não se trata de um opositor político interno ou de um banqueiro ávido em receber os juros atrasados, mas sim de um alto funcionário internacional que tem se preocupado também com outras regiões problemáticas, entre elas o Oriente Médio e a Europa do Leste, onde o FMI tem desempenhado papel importante. Ele está convencido de que nenhuma política anti-FMI tem legitimidade, razão pela qual continua preconizando as formas clássicas de negociação para que os países possam vencer a crise de endividamento.